
O AMIGO DAS LETRAS.

Dulcique animos novitate tenebo.

ORID. MET. IV.

QUARTA FEIRA 29 DE SETEMBRO DE 1830.

Alguns Estudantes do Curso Juridico, animados do mais sincero patriotismo, e levados pelo nobre enthusiasmo, com que o Anniversario da Independencia sempre inflamma o peito dos Jovens Brasileiros, filhos de Minerva, solemnizão o DIA 7 DE SETEMBRO com uma representação theatral. — A descripção d'aquella Festa não pode fazer objecto d'este Periodico: ella já appareceo no Farol Paulistano, e no Observador Constitucional. —

O Sr. Paulino José Soares, Estudante do 3.º Anno, a pedido de seus Collegas, compôz um Elogio Drammatico; o qual foi ouvido com applauso geral. Nós julgamos bellissima esta composição drammatica, e repetamos ainda poucos todos os louvores, que se tributão a seu author; e por certo que muito os realça a modestia d'este benemerito Academico, pois não tem querido consentir na publicação da sua obra. A muito custo, d'elle obtivemos permissão de apresentar os seguintes extractos.

O Fado annuncia ao Genio da Liberdade que é chegada a epoca feliz, em que o Brazil deve sacudir o jugo Europeo; o Genio Brasileiro acorda ao som de tão grata noticia, presta a maior attenção aos vaticinios do Fado, e não podendo mais conter sua alegria ao ouvir que nas margens do Piranga vae retumbar o grito da Independencia, exclama:

Independencia !!! O' nome amado, e caro !..

Ao ouvir-te, sagrado entusiasmo

Se apodera de mim... Nas veias gira

Um nobre ardor... acceso o sangue pula...

Patria, que sempre amei ! Patria adorada !

Basta... Ferrenhas leis assaz pezarão

Desde o dia famoso, em que sorrindo,

Aos olhos de Cabral mostrou-te a Aurora.

Já por vezes tentei romper teus ferros...

Baldado esforço... Vi minhas campinas

Voltar ao duro jugo aborrecido;

E da minha ventura o tenro germen

Ao sopro se fanar d'ambição cega...

Patria ! Não mais verão teus horisontes

Dias de servidão dura, e pezada.

Dissipou-se a illusão, cahio a venda:

Do lethargo profundo, em que jazia,

Para sempre sahi: e as densas trevas,

Que semeára a mão de Mãe tyranna,

Vem dissipar da LIBERDADE o facho.

E' tempo já de erguer o brado altivo:

E' um crime a demora... Vamos !

Aos argumentos, com que o Genio do Mal pretende

despersuadillo do seu brioso intento ; á narraçãõ das desgraças de um futuro desastroso , com que elle procura intimidallo , responde o Genio Brasileiro :

Não temo ameaças vãs , e vãos clamores.
Quando da Aguiã o filho sente as forças
Nascentes lhe bastar , deixando o ninho ,
Aos ares se confia ; ás altas nuvens
O vôo remontando , aos céos assoma ;
Não precisa da Mãe , que já cansada
Da idade , além das fragas dos rochedos
Não se pôde elevar. Da Natureza
E' esta a Lei Suprema. Acaso podem
Mudalla humanas forças debeis , frageis ?
Que me deo essa Mãe ? Ferros . . . mais nada ,
Minha industria tolheo inda nascente ;
Os meus portos fechou ; negou-me luzes ;
Espalhou da ignorancia as densas trevas ,
Que penetron meu, Genio. Vae-te , Monstro !
Volta ao sombrio Averno . . . Alli co' as Furias
Da raiva exhalarás os vãos furores.

O Genio do Mal persiste em seus negros designios ,
pronostica mais terriveis desgraças , recusa obedecer á voz
do Genio da Liberdade ; mas o Fado o affugenta ,
vaticina os futuros destinos do Brazil n'estes termos ,

Vae-te , Monstro execrando ! Volta ás sombras
Do negro Tartaro , á noute escura , eterna.
Vae-te . . . Do Fado cede á voz irada . . .

Para o Genio Brasileiro.

E tu , Genio , descansa. O Fado amigo

Com prazer te sorri, ri-te a ventura:
 Quebranta o Fado a lei dura, e severa:
 Rompe o silencio eterno ás fataes sombras,
 Que encobrem do Porvir altos Decretos:
 Depõe o Tempo a foice assoladora:
 No giro pára o Sol: a Natureza
 Estremece: nos eixos treme a Terra:
 Ronca rouco trovão, brama, e rebrama:
 Do nada surgem já vindouras Eras...
 Do Fado o vaticinio escutão, tremem...

O' quadra amena de ventura, e glória!
 Terra de Santa Cruz, agora livre,
 Artes e Sciencias ornarão teu seio.
 A Agricultura, doce Mãe dos ómens,
 Com seus dons cobrirá teu solo ameno.
 O Commercio, voando ás plagas tuas,
 Mostrando as producções de ferteis climas,
 Comsigo hade trazer doce abundancia.
 Teus portos francos ás Nações estranhas,
 Hão de vêr tremular nos curvos lenhos
 Ufanos pavilhões do Mundo inteiro.

Em bronzea base s'ergue o suave Imperio
 Da Soberana Lei. Florecem, reinão
 Leis sabias, se a razão florece, impera.
 Lá vem a Sciencia dissipando as trevas
 C'o fulgente clarão! Vês... esvoaçando,
 Foge a ignorancia a luz... raivosa freme!

Para os Genios da Liberdade, e do Brazil

O tempo ameaçador unidos sempre

Vos hade vér trilhar custosa senda ;
Que da Ventura ao desejado templo
Entre despenhos leva alcantilados.

Salve , D'ia sem par ! O Sol , volvendo
O não mudado giro , nas vindouras
Eras , cheio de gloria , e magestade
Te apontará no Oriente. O mundo inteiro
Com pasmo invejará , co' mago assombro ,
Ditosas Gerações , ditosos Climas !

SYLLA E EUCRATES.

Continuação do N.º 23 Pag. 275.

— Sylla é preciso que vo-lo confesse , vós me surprehendeis. Como ! E foi para felicidade da vossa patria que derramastes tanto sangue ? Realmente tivestes alguma amor por ella ? —

— Eucrates , me disse elle , eu nunca consagrei á patria esse amor dominante , de que achamos tantos e tão brilhantes exemplos nos primeiros tempos da Republica : eu prezo tanto a Coriolano , que trouxe o ferro e o fogo até ás muralhas da sua ingrata patria , que infundio no peito de cada um de seus concidadãos o arrependimento da affronta , que todos lhe haviam feito , como aquelle que expulsou do Capitolio os Gaulezes. Nunca me senti com inclinação para ser escravo ou idolatra

da sociedade de meus iguaes : esse amor da patria tão decantado é uma paixão em demazia popular para poder sympathisar com a grandeza da minha alma. Minhas proprias reflexões, e sobre tudo o desprezo, que tributo aos ómens, fôrão sempre as regras da minha conducta. O tratamento, que dei aos Romanos, unico grande povo do universo, comprova bem o excesso do desprezo, que dedico aos outros.

Eu julguei que em quanto existisse na terra, devia n'ella viver em liberdade. Se eu tivesse vindo ao mundo entre povos barbaros, esforçar-me-lia mais por não obedecer, do que por usurpar o throno, a fim de dictar a lei. Nascido n'uma Republica, alcancei a gloria dos conquistadores, quando não pertendia senão a dos ómens livres.

Quando entrei em Roma á frente de meus soldados, respirava só furor e vingança. Decidi sem odio, mas tambem sem piedade, a sorte dos Romanos assembrados. Ereis livres, lhes disse eu, e querieis viver esgaravos? Não. Morrei : tereis a gloria de morrer cidadãos de uma Cidade livre.

Julguei que não se podia roubar a liberdade á Cidade, de que eu era cidadão, sem se commetter o maior de todos os crimes. Eu castiguei esse crime; e pouco me importei se seria tido pelo bom ou mau genio da Republica. Entretanto o governo de nossos pais foi restabelecido; o povo expiou todas as injurias, que fizera aos nobres; o medo suffocou as rivalidades, e em tempo nem um gosou Roma de tanta tranquillidade.

Esse o motivo, que me induzio a representar as sanguinolentas tragedias, de que fostes espectador. Se eu houvesse vivido n'esses dias felizes da Republica, em que os cidadãos, socegados em suas cazas, terminavão seus dias nos braços da liberdade, ter-me-heis visto passar a minha vida n'este retiro, que só pode obter á força de muito sangue, de suores e fadigas. —

— Senhor, disse-lhe eu, bom é que o ceo não tenha mimoseado o Genero Humano com muitos ómens como vós: nascidos para a mediocridade, somos opprimidos pelos genios sublimes. Para que um ómen se possa elevar acima da humanidade, soffrem os ómens muito, a elevação de um custa sempre bem caro a todos.

Considerastes a ambição dos heróes como uma paixão vulgar, soubestes prezar só a ambição, que discorre. O desejo insaciavel de dominar, que encontrastes no coração de alguns cidadãos, vos determinou a tornar-vos um ómen extraordinario: quizestes viver sempre livre, e o amor da liberdade vos induzio a ser terrivel e cruel. Quem diria que em heroismo de principio havia de ser mais funesto do que um heroismo de impetuosidade? Mas, se para deixar de ser escravo, vos foi preciso usurpar a dictadura, como vos atrevestes a abdicalla? O povo Romano, dizeis vós, já vos vio desarmado, e não attentou contra vossos dias. Foi um perigo esse, a que escapastes; e correis risco de vos sobrevir outro talvez maior. Póde mui bem acontecer que ainda algum dia vejaes um bravo criminoso tirar o fructo da vossa moderação, e confundir-vos na turba de um povo opprimido e submis-

— Eu tenho um nome, respondeo-me elle, e para minha segurança, e do povo Romano, basta-me esse nome. Esse nome paralysa todos os attentados, aterra os ambiciosos. Sylla ainda respira, e o seu genio é mais poderoso do que o de todos os Romanos. Sylla tem em torno de si Cheronéa, Orchomene e Sygnion; Sylla deo a cada familia de Roma um exemplo domestico e terrivel: eu estarei sempre presente aos olhos de cada cidadão Romano; até em seus sonhos eu lhe hei de apparecer coberto de sangue; elle cuidará vêr as fataes taboas, e lêr o seu nome á testa dos proscritos. Murmura-se em segredo contra as minhas leis, mas nem mesmo ondas de sangue Romano poderão destrui-las. Não estou eu no centro de Roma? Vós ainda achareis em minha caza a lança, que eu tinha em Orchomene, e o escudo, com que me apresentei sobre os muros de Athenas. Deixo eu de ser o mesmo Sylla, só porque não ando rodeado de lictores? Tenho por mim o Senado, a justiça, e as leis; o Senado tem por si o meu genio; a minha fortuna, e a minha gloria. —

— Isso é verdade, lhe disse eu; quando chegamos a inspirar medo a alguém, conservamos certa superioridade, que sempre nos é vantajosa. —

— Sem duvida, tornou elle. Eu causei admiração aos ómens; e isto já é muito. Trazei á lembrança a historia da minha vida, vereis que devo tudo a este principio, e que elle foi sempre a alma de todas as minhas acções. Recordai-vos das minhas disputas com Mario; senti-me indignado ao vêr um ómem sem nome, orgulhoso da baixeza do seu nascimento, intentar confundir as

primeiras familias de Roma com a plebe; e n'esta occasião, dei provas de uma alma nobre e heroica. Eu era joven ainda, e apesar disso resolvi trabalhar por me pôr em estado de poder exigir de Mario a razão de seus desprezos. Para conseguir meus fins, ataquei-o com suas proprias armas, isto é, venci os inimigos da Republica.

Depois que um capricho da sorte me obrigou a sair de Roma, continuei a conduzir-me do mesmo modo: fui bater-me com Mithridates, e quantas mais vantagens alcançava sobre o inimigo de Mario, mais apressava a ruina de Mario. Ao passo que eu deixava aquelle Romano gosar do poder, que elle tinha sobre a plebe; multiplicava suas mortificações, e o obrigava a ir todos os dias ao Capitolio tributar graças aos Deoses por triumphos, que o exasperavão. Eu fazia-lhe uma guerra de reputação, com vezes mais cruel do que a que as minhas legiões fazião ao rei barbaro. Na menor palavra, que eu soltava, via elle uma prova infallivel da minha audacia. As minhas acções ainda as mais insignificantes, a seus olhos sempre grandes e estrondosas, erão para Mario tristes presagios. Mithridates, por fim, pede a paz; as condições erão razoaveis: se Roma existisse com tranquillidade, ou se a minha fortuna não estivesse ainda vacillante eu as acceitaria. Mas, o mau estado dos meus negocios obrigou-me a impôllas mais duras: exigi que elle destruísse a sua frota, e restituísse aos monarchas seus vesinhos todos os Estados, de que os privára. Deixo-te, lhe disse eu, de posse do reino de teus pais, a ti que deverias dar-me graças por não cortar-te a mão, com que assignaste a ordem para a morte em

um só dia de com mil Romanos. Mithridates ficou immovel, e Mario estremeceo no meio de Roma.

Se arrotei com Mithridates, com Mario, com meu filho, com Thelesino, com o povo; se pude sustentar-me na dictadura, á minha audacia o devo, foi essa mesma audacia que me salvou a vida no dia em que abdi-quei a dictadura: e esse dia assegurou para sempre a minha liberdade. —

— Senhor, disse-lhe eu, Mario pensava como vós, quando coberto do saague de seus inimigos, ostentava a audacia, que vós n'elle punistes. E' verdade que ganhastes algumas victorias mais do que elle, e que commettestes maiores excessos. Mas, quando vós assumistes a dictadura, déstes o exemplo do crime, que punistes: e esse exemplo é o que se hade seguir e não o de uma moderação, que só causará admiração, e nada mais.

Se os Deoses soffrêrão que Sylla impunemente se fizesse dictador de Roma, tambem proscrevêrão para sempre a liberdade de outro qualquer intentar o mesmo. Fôra preciso que elles fizessem muitos e muitos milagres, para hoje arrancarem do coração de todos os generaes Romanos a ambição de reinar. Vós mostrastes-lhes que existe um meio muito mais seguro para se alcançar a tyrannia, e conservalla sem risco. Quando divulgastes esse segredo fatal, destruistes aquillo, que só é capaz de tornar bons os cidadãos de uma Republica e grande, o pezar de não poder opprimilla. —

Elle mudou de côr, e callou-se por um momento.

Eu não me temo, disse-me elle com muita força, senão de um ómem, em quem julgo vêr reunidos muitos Marios. O acaso, ou antes um destino mais forte que o acaso, fez com que eu o poupasse. Tenho sempre os olhos fitos n'elle, não deixo um só instante de estudar sua alma: elle tem concebido grandes e atrevidos projectos, que sabe occultar. Mas, se algum dia elle ousar manifestar o desejo de dictar o lei a ómens, que tornei meus iguaes, eu protesto, aos Deoses o juro, protesto que hei de castigar sua insolencia.

Mr. De Montesquieu.



ARTIGO COMMUNICADO.

Uma verdade constante parece-me presentemente inegavel. Se é impossivel governar os povos sem constituição, nada é mais facil do que regêllos em paz segundo os principios de uma liberdade constitucional. Muitas causas de desordens achão-se enfraquecidas. As tres principaes, que conservavão a antiguidade, e as Republicas da meia idade em uma fermentação perpetua, deixarão de existir: fallo, 1.º das difficuldades quasi invenciveis, que encontravão os não-proprietarios para chegarem á propriedade: 2.º dos privilegios da nobreza: 3.º da influencia dos lobes de partido. Graças á industria, a propriedade está franca a todos: graças ás luzes, e aos costumes, que ellas introduzem segundo as leis, que consigo trazem, a nobreza de nada vale, a não ser, uma magis-

tratura ; e n'este caso então já não é nobreza, e sim outra coisa differente : em fim , graças ao instincto dos povos , aperfeiçoado por uma longa experiencia, nem uma popularidade perigosa pôde surgir nos Estados modernos ; pois que n'estes os principes é que são populares , e não os individuos. Há hoje em todas as Nações uma massa de ómens , que quer gosar o descanso , desfructar a segurança, exercer sua industria á sua vontade , desenvolver pacificamente todas as suas faculdades, e que só exige da authoridade que esta tenha sufficiente força para livralla das perturbações , e bastante senso para se não tornar ella mesma a causa d'ellas. Uma duzia de idéas simples , que a discussão tem posto ao alcance de cada um , taes são os estandartes , em torno dos quaes se reune esta classe immensa , que tem reflectido sobre seus interesses, e os conhece.

B. DE CONSTANT : *Mélanges de Littérature*.

No n.º 23, Pag. 268, vers. 4.º em vez de — *resplandecentes* — lêa-se — *resplandentes* —

S. PAULO ; NA TYPOGRAPHIA DO FAROL PAULISTANO.